

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Ryta de Kassya Motta de Avelar Sousa¹

RESUMO: O presente artigo faz uma reflexão sobre a importância do uso da leitura por professores da alfabetização, tendo em vista o objetivo de vê-la como uma prática social e não apenas como uma técnica de decodificação. No decorrer do estudo, realizam-se discussões acerca da leitura no processo de alfabetização, como um ato importante para as crianças. Em tais discussões, trazem-se estudos de autores como Pérez & Garcia (2001), Silva (1998), Leal e Melo (2006), Ferreiro (2009), Lerner (2002), Barbosa (2008), dentre outros. Em seguida, à luz das teorias enfatizadas, é realizada a análise de um questionário aplicado a duas professoras do 1º ano do 1º ciclo (alfabetização) da Prefeitura de Recife, cujo objetivo é compreender como elas trabalham a leitura em suas aulas. Por fim, tem-se como considerações finais o fato de que a leitura é utilizada pelas professoras pesquisadas levando-se em conta as suas finalidades e sua prática social.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; aprendizagem; finalidades da leitura; alfabetização.

ABSTRACT: This article reflects on the importance of using reading for teachers of literacy, given the goal of seeing it as a social practice and not merely as a technique for decoding. During the study is conducted discussions about the process of reading literacy, an important act for children. In such studies are brought discussion of authors such as Garcia & Perez (2001), Silva (1998), Leal and Melo (2006), Smith (2009), Lerner (2002), Barbosa (2008) among others. Then the light of the theories, we emphasize analysis is conducted of a questionnaire administered to two teachers of the 1st year of a cycle (alphabetization) of Recife, which aims to understand how they work on their reading lessons. Finally, we have as final consideration the fact that reading is used by the teachers surveyed taking into account their goals and their social practice.

KEYWORDS: Reading; learning; purpose reading; alphabetization.

1. Introdução

Atualmente a escrita faz parte de diferentes usos no dia a dia das pessoas e, por essa razão, apresenta caracteres e funções diversificados, acarretando leituras diferentes. Isso quer dizer que não se lê um jornal da mesma forma que se lê uma bula de remédio, uma receita culinária e tantos outros gêneros textuais que fazem parte do cotidiano dos sujeitos. Esses sujeitos utilizam estratégias variadas de leitura para terem a apropriação das informações oferecidas por determinado texto. Segundo Barbosa (2008, p.115), “esta

¹ Professora do curso de Pedagogia da Faculdade Anchieta de Recife e da Faculdade Santa Catarina. Professora do Ensino Fundamental I, da Prefeitura de Recife

flexibilidade de atenção, as várias formas de ler para apreender o sentido dos textos, é fundamental para o homem e sua adaptação ao mundo moderno”.

Nesse sentido, há uma variedade de leituras para as diversas intenções. Porém, o que se pode perceber dentro da maioria das escolas é uma leitura que não leva em consideração a também diversidade da escrita e a evolução das modalidades de leitura. Como bem cita Barbosa (2008), a escola, aparentemente, continua se preocupando apenas com aquela leitura encontrada na escrita dos livros, escrita literária, decifração, esquecendo-se de que as crianças convivem com um mundo imenso de leituras, tais como: jornais, revistas, panfletos, cartazes etc.

Também se deve levar em consideração que, no momento da leitura, a criança atribui significados próprios ao que lê, partindo de seus conhecimentos prévios, de sua imaginação, fantasia, não ficando presa apenas às ideias do autor. De acordo com Cagliari (2008, p. 316), “[...] a literatura sobrevive por causa desse mundo imaginário que cria na cabeça das pessoas e no qual os leitores podem viver a aventura do fantástico”, sendo este ponto o segredo de uma boa leitura.

Diante de tal cenário, surgem algumas indagações: *Qual a importância dada à leitura pelos professores de alfabetização? Como seus alunos são inseridos no mundo da leitura?* Levando-se em conta essas perguntas, pretende-se, neste artigo, refletir acerca de como vem acontecendo a leitura na escolarização.

2. Leitura: um ato importante

Aprender a ler é um fato relevante, funcional e significativo, quando o que é lido tem uma finalidade, um sentido e atende às necessidades funcionais e aos interesses e expectativas dos alunos. Também quando sua conquista é resultado de atividade compartilhada e negociada entre aluno e professor, numa escola participativa, cooperativa, flexível, integradora e democrática. Sendo assim, de acordo com Pérez & Garcia (2001, p. 49), “a leitura é um instrumento útil que nos aproxima da cultura letrada e permite-nos continuar aprendendo autonomamente em uma multiplicidade de situações”.

Isso deixa claro que a leitura precisa ser inserida numa *prática social*, já que ela não pode ocorrer distante das situações vivenciadas socialmente, na família, na escola, no trabalho etc. (SILVA, 1998).

De acordo com Leal e Melo (2006), o ato de ensinar a ler deve ser inclusivo, uma vez que leva as pessoas a terem acesso a diversas informações e a participarem de eventos de letramento que aumentam a participação delas na sociedade. Porém, a leitura também se faz necessária no processo de escolarização. Frente a isso, os alunos precisam ser auxiliados, para que desenvolvam capacidades que os ajudem a atender a diversas

finalidades de leitura, que fazem parte tanto da escola quanto, principalmente, da sociedade.

Para tanto, os alunos precisam ter consciência de que há diferentes formas de ler, que estão ligadas às variadas finalidades de leitura na sociedade, que são: ler para divertir-se; ler para receber mensagens de outras pessoas; ler para orientar-se como realizar atividades diversas; ler para informar-se; ler para escrever; e ler para aprender a ler (LEAL e MELO, 2006).

No entanto, muitas práticas escolares ainda seguem uma configuração na qual as letras vão sendo ensinadas de forma gradual, associando-as a um som, tudo ao mesmo tempo, ou seja, para que haja “leitura”, basta apenas juntar letras e sílabas, resumindo-se a um trabalho apenas de decodificação, sendo ensinado um processo pela metade. Com isso, as lições se dão a partir da rotina: primeiro as crianças aprendem as famílias silábicas simples, depois as mais complexas, dígrafos, encontros consonantais e assim por diante, fazendo com que o ensino da leitura fique resumido à transformação dos sinais gráficos em sonoros (BARBOSA, 2008).

Contrariando o mencionado anteriormente, o mesmo autor enfatiza que a “leitura é uma relação que se estabelece entre o leitor e o texto escrito, relação na qual o leitor, através de algumas estratégias básicas, reconstrói um significado do texto no ato de ler” (p. 118). Portanto, deve-se partir do princípio de que a leitura precisa ser adquirida de uma maneira significativa, pensando-se sempre na proposta de um leitor que lê qualquer gênero textual em função de seus objetivos e interesses e, assim, os professores precisam pensar em atividades variadas, que atendam a diversas finalidades. Segundo Lerner (2002, p.79-80),

Na escola [...] a leitura é antes de mais nada um objeto de ensino. Para que também se transforme num objeto de aprendizagem, é necessário que tenha sentido do ponto de vista do aluno, o que significa – entre outras coisas – que deve cumprir uma função para a realização de um propósito que ele conhece e valoriza. Para que a leitura como objeto de ensino não se afaste demasiado da prática social que se quer comunicar, é imprescindível ‘representar’ – ou ‘reapresentar’ –, na escola, os diversos usos que ela tem na vida social.

Partindo desse princípio, o professor assume papel importante no ensino da leitura, pois deixa de ser mero transmissor do conhecimento para ser o criador de situações significativas que transformem as crianças aptas para se apropriarem de determinado conhecimento ou prática.

Isso pode ser remetido a Lerner (2002), quando a autora destaca que o professor precisa criar uma situação de leitor, como uma ficção, ou seja, agir “como se” aquela leitura não estivesse ocorrendo no interior da escola, sem um propósito didático, levando para a sala de aula uma leitura que o emocionou para compartilhar com as crianças. Agindo assim, o professor será visto como espelho para seus alunos, mostrando o verdadeiro comportamento leitor.

É nesse instante que o professor apresentará para as crianças os textos mais adequados para cada finalidade de leitura. “A leitura do professor é de particular importância na primeira etapa da escolaridade, quando as crianças ainda não leem eficazmente por si mesmas. Durante esse período, o professor cria muitas e variadas situações nas quais lê diferentes tipos de texto” (LERNER, 2002, p.95).

Desse modo, o professor pode criar diversas situações para inserir seus alunos no mundo da leitura, como, por exemplo, organizar uma roda de leitura, mostrar as imagens do texto lido, dar entonações para cada leitura – suspense, emoção, diversão etc. – fazendo, dessa maneira, com que a leitura se transforme em uma prática prazerosa, divertida, encantadora.

Partindo dessa ideia, seria interessante que as crianças entrassem em contato, no ato de aprender a ler, com textos significativos para elas, como, por exemplo: literatura infantil, contos de fadas, gibis, poemas e outros, para que as mesmas sejam tomadas pela curiosidade e sintam prazer em ler tais escritos.

Segundo Monteiro (2004, p. 86), “o primeiro passo para se evitarem problemas de aprendizagem é criar uma relação dialógica para que tudo fique claro, para despertar o interesse, porque deste vem o desejo”. Isto quer dizer que a escola precisa ensinar a criança a ler, ensinando de fato o que é ler, incluindo, assim, suas finalidades, sua prática social, suas formas de ler.

As crianças da escolaridade inicial (alfabetização), buscando tornarem-se sujeitos de seus papéis sociais, “pedem” que a escola oportunize diversas situações de leitura, para que possam experimentar o maior número possível de estímulos emocionais, devidamente contextualizados que são oferecidos pela boa leitura, fazendo-as perceber que a leitura pode levá-las a descobrir o mundo.

Partindo de tal afirmação, a leitura deixa de ser considerada como uma aprendizagem que visa apenas à obtenção de condições de vida melhores, para se transformar em mais um instrumento de comunicação. Isso é possível a partir do instante em que a escola tem como atividade fundamental a formação do leitor de fato, fazendo do seu interior uma comunidade de leitores que buscam textos para encontrarem respostas para os problemas que desejam resolver, buscando informações para compreendê-los, uma vez que a leitura faz parte das construções sociais.

Diante de tais discussões, surge um questionamento: Há gêneros textuais que são mais apropriados para as crianças em processo de alfabetização? Respondendo a tal pergunta: Não. As crianças precisam ser inseridas no mundo da leitura sem essa preocupação, pois sabe-se que não há gêneros classificados como “próprios” para tais anos escolares. Ferreiro (2009, p. 57) deixa clara a referida afirmação, quando cita que “[...] a exigência fundamental dos tempos modernos é circular entre diversos tipos de textos”. O que existirá são textos simples e textos mais complexos e cabe ao professor preparar seus alunos para que utilizem de critérios para escolhê-los de acordo com seus interesses e conhecimentos.

Partindo de tal princípio, é interessante que o professor planeje os momentos direcionados à “hora da leitura”, conhecendo, antes dela, qual o texto que será lido, como envolverá as crianças, num ambiente adequado e confortável, sabendo como procederá na sua leitura, quais os questionamentos que levantará durante e após ela (se os fizer), entre outros, como já citado anteriormente.

Dessa forma, o aprender a ler implica muito mais que o conhecimento das letras e a forma de decodificá-las (ou associá-las), implica, sim, a possibilidade de usar esse conhecimento em proveito das formas de expressão e comunicação que fazem parte de determinado contexto cultural (CALIL e FELIPETO, 2005). Sendo assim, é importante que seja realizada uma investigação acerca do olhar que as professoras dão ao ato de ler de seus alunos.

3. Leitura: o que dizem as professoras

Foi realizado um questionário (cf. anexo) com duas professoras da alfabetização (1º ano do 1º ciclo) da Prefeitura de Recife, a fim de analisar como as mesmas concebem e utilizam a leitura em suas salas de aula. Para manter o anonimato, as docentes serão identificadas como P1 e P2.

Conforme os dados obtidos nesse questionário, pode-se perceber que ambas as professoras trabalham diariamente a leitura em suas aulas e, quando questionadas sobre a finalidade de tais leituras, apresentaram as seguintes respostas: P1: “desenvolver uma leitura fluente, ampliar o vocabulário, desenvolver a interpretação de textos, conduzir o leitor a apropriar-se das funções sociais da leitura e escrita”; e P2: “formar leitores autônomos, que reflitam sobre cada leitura feita, e através da leitura se apropriem do sistema de escrita alfabética”.

Observa-se, nas afirmações citadas acima, que as professoras deixam claro que veem a leitura com as finalidades de “ler para aprender a ler”, “ler para escrever” e “ler para informar-se” e, quando se referem às *funções sociais da leitura*, subentende-se que elas remetem também às finalidades de “ler para receber mensagens de outras pessoas” e “ler para divertir-se, para relaxar, para apreciar”, como citam Leal e Melo (2006).

Sendo assim, a escola precisa apropriar-se das variadas finalidades da leitura, pois fora da escola a criança está em constante contato com leituras diversas, não ficando presa a leituras livrescas, pois, para Leal e Melo (2006, p. 42), “saber ler possibilita ao indivíduo inserir-se em situações diversas próprias da nossa sociedade letrada em que texto escrito é usado para mediar interações. Colabora, portanto, para a construção da identidade cidadã”, uma vez que é essa a verdadeira função da leitura, deixando de lado a simples técnica.

Quando indagadas a respeito de como se realiza a leitura em sala de aula, P1 e P2 afirmaram priorizar as leituras individual, coletiva (entre eles) e também leem para seus

alunos. Elas citam a atenção e o interesse das crianças pelas leituras realizadas em sala de aula. P2 ainda complementa, ao dizer que “interagem bastante, até mesmo os alunos que não leem com autonomia”. Tais respostas reforçam o que se vem discutindo acerca do papel que o professor exerce sobre o seu aluno no momento da leitura, criando situações que o envolvam nesses eventos. Portanto, subentende-se, com tais respostas, que o momento de leitura é bastante prazeroso para os alunos das duas professoras.

Com relação aos gêneros que gostam de ler para seus alunos, as professoras dizem que são muitos, mas percebe-se que P1, na sua resposta, apresenta maior variedade, quando afirma utilizar poemas, cantigas populares e de roda, quadrinhas, parlendas, trava-línguas, adivinhas, fábulas, receitas, historinhas infantis, histórias em quadrinhos etc. Desse modo, Leal e Melo (2006, p. 55) reforçam a resposta de P1, quando dizem que “já se tornou consenso a necessidade de que o trabalho de leitura, em sala de aula, não fique restrito aos textos literários, mas que seja garantida uma diversidade textual”. Porém, é preciso que fique claro que tal afirmação não significa que o texto literário não seja importante, mas que a leitura não pode ser resumida apenas a esse gênero.

Portanto, fica claro o quê, quanto à diversidade de gêneros textuais, pode ser trabalhado em sala de aula. Sendo assim, Schneuwly & Dolz (1999) afirmam que a particularidade da situação escolar está no fato de que o gênero é um instrumento de comunicação, mas, na escola, ele também se torna objeto de ensino-aprendizagem, já que esse não deixou de ser o objetivo da escola.

No tocante ao uso da leitura a partir do livro didático, ambas as professoras dizem utilizá-lo. P1 usa de dois a três dias e P2 diariamente. Ambas afirmam que o livro didático tem uma grande variedade de gêneros textuais e que isso mostra que o uso do livro se faz importante pelo fato de, na maioria dos casos, ser encarado como único recurso utilizado no acesso ao conhecimento, tanto do lado dos professores (na busca da legitimação de seu trabalho e ajuda em suas aulas) como do lado do alunado, além da escola considerá-lo um instrumento importante no trabalho exercido pelo professor (COUTINHO, 2004). Reitera-se, porém, que ele não deve ser o único instrumento de ensino-aprendizagem, uma vez que há uma diversidade de gêneros textuais que não se encontram nos livros didáticos e que o professor pode trabalhar em sala de aula.

4. Considerações finais

Os resultados do estudo demonstram que as professoras abordadas utilizam a leitura como forma de incentivo às práticas sociais, quando propiciam que seus alunos convivam com uma maior variedade de gêneros textuais, deixando claras suas intenções de que seus alunos devem fazer uso da leitura não como um simples exercício reproduzido, aceitando tudo o que está escrito, mas que, além da mera decodificação, entendam, analisem e critiquem, segundo seu entendimento da realidade de mundo, o contexto social em que vivem.

Conclui-se, também, que, embora utilizem com frequência o livro didático, não o consideram a única e, sim, mais uma ferramenta para introduzirem seus alunos no mundo da leitura, não ficando presas apenas à leitura livresca.

Constata-se, portanto, que existe o interesse de inserir os alunos cada vez mais cedo no mundo da leitura, ultrapassando o ensino tradicional que se prende apenas ao aprendizado mecânico do código, levando a criança a ter um verdadeiro diálogo com os textos lidos.

Dessa forma, fica evidente a necessidade de, cada vez mais, professores alfabetizadores pensarem novas maneiras de trabalhar a leitura e suas finalidades em sala de aula, explorando mais profundamente a variedade de gêneros textuais presentes em seu convívio social.

5. Referências bibliográficas:

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 2008.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o BÁ-BÉ-BI-BÓ-BU**. 10ª ed. São Paulo: Scipione, 2008.

CALIL, Eduardo; FELIPETO, Cristina. Enlaces entre o Oral e o Escrito. Viver: mente e cérebro. Coleção Memória da Pedagogia. In: FERRERO, Emília. **A Construção do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Segmento Duetto, n. 5, 2005, p.24-31.

COUTINHO, Marília de Lucena. **Práticas de Leitura na Alfabetização de Crianças: O que dizem os livros didáticos? O que fazem os professores?** Dissertação [Mestrado em Educação], Programa de Pós-Graduação em Educação Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

FERREIRO, Emília. **Passado e Presente dos Verbos Ler e Escrever**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

LEAL, Telma Ferraz e MELO, Kátia Reis. Planejamento do Ensino da Leitura: a finalidade em primeiro lugar. In: SOUZA, Ivani Pedrosa e BARBOSA, Maria Lúcia Ferreira de Figueiredo (orgs.). **Práticas de Leitura no Ensino Fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LERNER, Delia. **Ler e Escrever na Escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MONTEIRO, Mara M. **Leitura e Escrita: uma análise dos problemas de aprendizagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

PERÉZ, Francisco Carvajal & GARCIA, Joaquín Ramos (orgs). **Ensinar ou Aprender a Ler e a Escrever?** Aspectos teóricos do processo de construção significativa, funcional e compartilhada do código escrito. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SCHNEUWLY, Bernard & DOLZ, Joaquim. Os Gêneros Escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. **Revista Brasileira de Educação**. ANPED, n. 11, 1999, p. 5-16.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos de Pedagogia da Leitura**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

6. Anexo

Entrevista:

- 1- Com que frequência você trabalha a leitura em sala de aula?
- 2- Com que finalidade você utiliza a leitura com a sua turma?
- 3- Como você realiza a leitura em sala de aula?
- 4- Como os alunos se comportam nos momentos leitores?
- 5- Quais os gêneros que você gosta de ler para seus alunos?
- 6- Você usa a leitura do livro didático? Com que frequência?
- 7- Você acha satisfatória a variedade de gêneros textuais oferecidas nos livros didáticos? Por quê?